

Pibinho ou pibão, eis a questão!

A divulgação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de que a economia cresceu apenas 0,9% em 2012 não surpreendeu a ninguém. A revelação do “pibinho” já era esperada pelos analistas de mercado e pelo próprio governo desde o terceiro trimestre do ano passado, quando os números reais da economia desmontaram o otimismo oficial, que até agosto insistia em prever uma expansão de 3%.

O pífio desempenho econômico, pelo segundo ano consecutivo, é explicado tanto pela desaceleração do consumo das famílias quanto, principalmente, pela estagnação das exportações e pela acentuada queda nos investimentos. Comparando com 2011, os investimentos apresentaram retração de 4%, as exportações aumentaram apenas 0,5% e o consumo das famílias, 3,1%.

“A taxa de crescimento do consumo foi positiva, mas bastante inferior à expansão da massa salarial”, ressalta Eduardo Stranz, da assessoria econômica da Febrafite.

O consumo vem desacelerando apesar da redução da taxa de juros, segundo ele, porque as famílias brasileiras estão muito endividadas e os bancos estão reticentes em emprestar devido à alta inadimplência. Essa situação só não foi pior porque a atuação dos bancos públicos forçou a redução dos juros no crédito à pessoa física e o governo concedeu incentivos tributários no segundo semestre ao consumo de bens duráveis.

A redução de IPI para automóveis novos, por exemplo, foi fundamental para evitar uma queda ainda maior na produção industrial, que, conforme o IBGE, foi de 0,8% entre 2011 e 2012. A mesma sorte não teve o setor agropecuário, cujo PIB apresentou um recuo de 2,3% no ano passado, influenciado principalmente pelos choques climáticos.

Nesse quadro de fraco desempenho, o setor de serviços – com expansão de 1,7% em 2012 – mais uma vez salvou o PIB de apresentar uma taxa negativa ao final do ano. Para 2013, por outro lado, os analistas esperam que a produção agropecuária se recupere bem e a indústria volte a crescer. A grande dúvida é: a qual ritmo vamos crescer?

Como ocorre todos os anos, o governo é mais otimista do que realista e aposta em crescimento entre 3% e 4%. Os indicadores de produção e vendas de fato indicam uma recuperação nesse início de ano, mas ainda é cedo para saber se vamos decolar ou apenas ter uma “vão de galinha”, segundo os analistas.

O aspecto crucial para definir quanto a economia crescerá em 2013 e 2014, de acordo com boa parte das opiniões emitidas por economistas de fora e dentro do governo, é o desempenho dos investimentos. Em 2012, a chamada formação bruta de capital fixo, que reflete o volume de construções e máquinas e equipamentos produzidos no país, caiu por três trimestres consecutivos e fechou o ano com queda de 0,4%.

Para reverter essa situação, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e sua equipe promoveram em fevereiro um “road show” por Nova York e Londres com o objetivo de atrair investidores internacionais para o programa de concessões lançados pelo governo federal. A avaliação geral é de que o Brasil é um dos países com as melhores oportunidades de negócio hoje no mundo,

mas por algum motivo (interno ou externo) não tem sido capaz de mobilizar o capital privado. Alguns investidores reclamam, por exemplo, que a taxa de retorno que o governo estabeleceu para as concessões estava baixa demais, e o governo acabou recuando e anunciando possibilidades de ganho maior.

Contudo, persistem dúvidas sobre quanto o investimento crescerá neste e nos próximos anos. E, destes investimentos é que dependerá a chance de o “pibinho” se transformar em “pibão”, como quer a presidenta Dilma Rousseff.

Assessoria Econômica da FEBRAFITE